

*– Críticas & alternativas –*

## **Deambular pela cidade como uma experiência humanista\***

*Theo Soares de Lima*

Estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
*theo\_sl@hotmail.com*

### **1. Amarras iniciais**

**U**ma perturbação começa, costumeiramente, ao pedir passagem em nosso pensamento, em forma de pergunta. Dificilmente nos perturbamos em sentido afirmativo, o que não significa que afirmações não nos desestabilizem. Enfim, o que se pergunta, nesse momento, é em que sentido o deambular através das ruas de uma cidade é uma experiência humanista? Humanista é aqui entendida como uma experiência constitutiva/constituente do próprio ser humano, política e artisticamente. Considerando-se que não temos uma natureza, algo comum a todos nós enquanto traço cultural e/ou psicológico, nos construímos a cada instante. Um homem não nasce bom ou mau. Esses que são valores por sua vez relativos às mais diversas culturas. Um bom homem em um local pode ser um homem mal logo adiante. Assim, a educação neural de um indivíduo não se dá de “tempo em tempo, mas em permanência, sem trégua” (ONFRAY, 2010. p. 69). Somos mais

devires do que seres, nesse sentido, e caminhar pela cidade contribui para tal invariavelmente, nos reestruturando a cada viagem. Eis a perturbação inicial.

### **2. Retomando**

Tomar-se-á, para percorrer esses meandros propostos, um ponto focal e uma bagagem, que em sentido amplo são a mesma coisa. O ponto focal, o movimento Internacional Situacionista. A bagagem, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), “Caminhos urbanos à Deriva” (LIMA, 2011).

No momento prévio abriu-se a porta para uma discussão específica, agregando o movimento Internacional Situacionista (IS) e alguns conceitos (não necessariamente restritos) da Geografia. Todavia, para se chegar a tal ponto foi necessário começar pelo começo, ou seja, por contextualizar que movimento seria esse que se propunha trabalhar. Realizou-se, assim, um histórico geral e abrangente de sua existência, desde seu surgimento,

\* Agradeço explicitamente à contribuição do professor Nelson Rego para a produção do que consta escrito.  
*Revista Território Autônomo | n° 2 | Outono de 2013*

em 1957 até 1972, quando autoproclamam seu fim. Prosseguir com o adensamento dos detalhes de seu histórico é um exercício importante, especialmente na medida em que a discussão for expandida. Todavia, não será uma prioridade momentânea. Desse resgate histórico advém o resgate de sua práxis, teorias e práticas, para que, então, se possa entender suas críticas à sociedade e seu modo de produção capitalista/espetacular, à arte e sua supressão, à cidade e o urbanismo modernista. Assim, obrigatoriamente, comentou-se a constituição das principais obras surgidas a partir da IS: *A Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord, e *A arte de viver* para as novas gerações de Raoul Vaneigem. Além desses livros foram analisados artigos publicados, originalmente, na revista homônima *Internationale Situationniste*.

O foco principal, para o qual serviu trabalhar as questões supracitadas, foi o exercício que eles denominavam Teoria da Deriva<sup>1</sup> (DEBORD, 2003b [1957], p. 56), que detém um caráter múltiplo: (a) uma nova maneira de comportamento cotidiano e (b) um meio de estudo psicogeográfico sobre a cidade. Por sua vez, a Psicogeografia “seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento dos indivíduos” (DEBORD, 2003a [1955], p. 39).

Quanto à proposta comportamental (a), primeiramente. A Deriva como uma nova forma de comportamento cotidiano nas cidades tinha como propósito promover uma ruptura imediata, de fácil adesão, mas também permanente. Em meio ao ambiente urbanista moderno, considerado por eles

fragmentado e, portanto, fragmentador das relações humanas, queriam uma mudança radical, propunham um urbanismo unificador. O flunar fica posto, assim, como subversão da racionalidade de sair de um ponto e chegar até outro, contabilizando a menor distância e o menor tempo. Seu objetivo final, tendo-se constituído a proposta de Urbanismo Unitário<sup>2</sup>, seria a Deriva contínua. O Urbanismo unitário tem como marco de análise mais reduzido a maneira de delimitar locais singulares, ou a singularidade dos locais: uma unidade de ambiência – o complexo arquitetônico, “que é a reunião de todos os fatores que condicionam uma ambiência” (DEBORD, 2003b [1957], p. 55). A ambiência, propriamente, entendida como um arranjo específico, de elementos específicos, a partir de uma intencionalidade do que é atraente individualmente. A unidade de ambiência é a extrapolação desse nível mais restrito para um arranjo passível de delimitação à escala da análise urbana mais ampla. Enquanto que para um sujeito os elementos a serem arranjados equivalem à mobília e a intencionalidade em deslocá-los, por exemplo, para o complexo arquitetônico os equivalentes seriam as formas da urbe e as práticas dos habitantes. A primeira noção de ambiência seria um ponto dentro da malha urbana, e a segunda noção uma área, para simplificar. É derivando que se entenderiam quais os efeitos do meio sobre o comportamento, delimitando assim as unidades de ambiência, resultado por excelência da pesquisa psicogeográfica e que, portanto, constituiria a construção de um ambiente plenamente integrado às

<sup>1</sup> Cabe lembrar que o sentido de Teoria aqui não é o científico, pois remete a sua morfologia, do grego *theorein*: observar, contemplar, especular.

<sup>2</sup> “emprego conjunto das artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento” (IS, 2003b [1958], p. 65). O integral e comportamental unitário opõe-se ao fragmentado e funcional moderno.

experiências comportamentais. Ou seja, o Urbanismo Unitário.

Seguiu-se esse debate discutindo as noções de caminhar, escalas, lugar e suas implicações. Para além dessas implicações está a fecundidade do que aqui se quer levar adiante.

Como conclusão do processo realizado no TCC chegou-se em duas questões fundamentais sobre a Deriva situacionista e a pesquisa psicogeográfica. A primeira é de que é plenamente atingível, enquanto projeto realizável, adotar a Deriva como forma de um novo comportamento cotidiano, uma forma de deslocamento consciente, mas sem um rumo aparente (em um primeiro plano, uma vez que sempre existe *alguma coisa* que nos puxa e empurra pelas dobras da cidade). Isso pode ser feito sem “muito esforço”, através de uma pequena exposição/conversa sobre o assunto e está iniciada a vivência. Por outro lado fica a questão deixada em aberta, da Deriva como maneira de pesquisa psicogeográfica da cidade, ou seja, enquanto método, sendo o inverso também possível, de qual seria propriamente o método da Deriva (além, é claro, de não haver um destino/rumo específico) para estudar os efeitos da cidade que agem sobre os comportamentos. Em outras palavras, os situacionistas deixaram um legado claro do que queriam genericamente, mas não como fariam para alcançar isso objetivamente. É possível dizer que, apesar de parecer contraditório, os situacionistas sabendo “aonde chegar”, seu entrave residia no “como chegar”. Há de se explicar essa aparente contradição, pois, em face do método ser à Deriva, poder-se-ia dizer que o mesmo estaria ao avesso. A crítica geral feita é à sociedade do espetáculo e seu cotidiano alienante, embasada na crítica do consumo

cultural, e expressada, em último grau (ou se poderia dizer em primeiro), na estrutura fragmentada e funcional da cidade moderna. Assim, ao tomar a Deriva como maneira de estudo psicogeográfico da cidade, tem-se, por sequência lógica, que queriam ultrapassar as condições modernistas de produção do espaço urbano, ditadas através do planejamento macroescalar. Propuseram, por inversão, um método que dispensaria o planejamento. Sua intenção, portanto, é clara. O que deixaram em aberto qual metodologia empregar nesse não planejar.

### **3. Novos caminhos**

Aproveitar-se-á para discutir aqui os dois fatores que decorrem da constatação deixada pelo trabalho anterior.

O primeiro é óbvio, de que seus estudos não dispuseram de continuação pelo término do movimento situacionista. Simplesmente não houve tempo hábil em seu período de existência para que eles próprios pudessem ter desenvolvido de forma plena o que propunham. Todavia, tal explicação, apesar de verdadeira, não contempla a questão por completo, e assim ter-se-á o segundo fator. Eles não podiam “encerrar” o que discutiam, deixando tudo bem amarrado, claro para execução, por assim dizer. Isso decorre do fato de acreditarem que a cidade deveria ser resultado das decisões coletivas de seus habitantes. Assim, o que se pode dizer não é que se depararam somente com um problema de ordem técnica, um relapso intelectual ou a própria questão temporal. Principalmente se depararam com um problema de entendimento teórico-político acerca de sua intencionalidade sobre a criatividade do próprio

leitor, ou de qualquer outra pessoa externa ao movimento situacionista. Ao recusarem sempre qualquer “situacionismo” o que eles estão fazendo é se posicionarem em relação a sua própria práxis. Não sendo um movimento que acreditava se encerrar em si mesmo, que a sociedade, independente do que eles fizeram, é uma obra de si própria e por ela mesma deve ser reconstruída. Ao atacarem a arquitetura moderna não o fazem para que seja posta no lugar uma arquitetura situacionista. “A discordância ocorrida entre Constant e Debord, dentro do movimento situacionista, quando da tentativa de Constant em divulgar o que ele chamou de Nova Babilônia, sua utopia pessoal, deixa clara a posição da IS” (LIMA, 2011, p. 21). Rejeitando a si mesmos como mais um “ismo” rejeitam, também, a elaboração de propostas dadas, pré-pensadas. Sua conclusão é ironicamente verdadeira. “Ficará claro que a IS não deve ser julgada em seus aspectos superficialmente escandalosos de certas manifestações através das quais ela aparece<sup>3</sup>, e sim em sua verdade central, *essencialmente escandalosa*” (IS, 2002 [1967], p. 72). Tinham por função auto-designada abalar as estruturas do que enxergavam. Antes de colocar outra cidade no lugar desta em que vivemos, como peças de lego trocadas de posição, apenas questão de arranjo, há de se mostrar o quão absurda e nociva é a função posta por essas estruturas, para uma vez destituída nunca mais retornar.

O exemplo trazido (LIMA, 2011, p. 51) para discutir o duplo caráter da Deriva, foi a pesquisa

<sup>3</sup> No caso em específico se referem ao que ficou conhecido como Escândalo de Strasbourg, quando os situacionistas auxiliaram uma das seções da União Estudantil da França, produzindo um texto, sob encomenda, que tratava da miséria do movimento estudantil.

realizada por Abdelhafid Khatib (2003 [1958]) no bairro Les Halles, em Paris, em que ele tenta delimitar o bairro através de suas diversas unidades de ambiências. Todavia, não há uma explicação específica de como ele as define, acaba mais por descrever do que analisar. Antes cabe ressaltar alguns aspectos. Khatib experimenta caminhar por Les Halles especulando sobre os fatores que condicionam as ambiências, mas não consegue (exatamente por apenas especular) realizar uma metodologia, um estudo sobre o método a que se dispõe. Um dos principais legados que ficou desse esboço descritivo foram os quatro elementos observados por ele, um pequeno padrão que emerge em meio sua narrativa. Identifica (1) usos de cada local que passa, que é feito daquele espaço onde ele próprio se encontra. Em torno do mercado público ele discorrerá, por exemplo, sobre os caminhões, sobre os obstáculos para os pedestres, em meio a caixas de feira deixadas no piso e trabalhadores descarregando a mercadoria. Explicita que (2) sentimentos surgem dentro de si ao longo do percurso, à espécie de topofobias e topofílias. Discorre sobre (3) que estruturas contém as diferentes zonas delimitadas por ele, desde tipos de bares até configuração das habitações, passando pelas peculiaridades de cada local, como uma praça ou um museu. Em termos de cartografia sua produção é delimitar (4) os fluxos internos e as conexões externas do bairro. Quando trata da área central, por exemplo, denomina-a de “*plaque tournante*” (KHATIB, 2003 [1958], p. 83), uma placa giratória que se encaixa em diferentes rotas de trilhos, mudando a direção do trem. Tal comparação designa a característica daquela área em dispersar a direção prévia em diversas outras.

Enfim, o processo em si nunca foi realmente amarrado, nunca existiu a construção à maneira específica, que diga como definir as ambiências. Há quase que só os elementos que ele próprio levantou. O cerne fica em aberto, pois o ponto focal da psicogeografia, que deveria ser entender a influência do meio geográfico nos comportamentos, não é posta em cheque. E é por isso que se pode afirmar que acaba por descrever mais do que analisar. Deverá cada um fazer tal levantamento individualmente, em um sentido fenomenológico, ou se deve copiar o que chamou atenção de Khatib (os quatro elementos supracitados) e reproduzir para outros contextos? Vale lembrar, antes de prosseguir e apressar a crítica, de que a pesquisa referida foi forçosamente terminada por uma lei posta em vigência na época, que proibia a circulação de pessoas norte-africanas à noite por Paris. Khatib o era, sofrendo e revelando, por consequência, o intrínseco caráter político contido na experiência a qual se propunha. É assim que vários pontos fundamentais foram deixados em aberto e acabam por suscitar, de alguma forma, a discussão presente.

Os situacionistas falavam que o “progresso da psicogeografia depende muito da extensão de dados estatísticos de seus métodos de observação” (DEBORD, 2003b [1957], p. 55). Um caminho por seguir poderia ser esse, portanto, visto que a questão apesar de formulada não foi atendida, nunca esses dados foram recolhidos, nem por Khatib nem por nenhum outro situacionista. Entretanto, acredita-se que a própria proposta já suscita reflexões pertinentes sobre tal tentativa, como a possível reprodução de um banco de dados, como qualquer outro, ainda que de forma alternativa. Propondo, a partir do ponto de vista situacionista, inovar a forma

de pesquisar, entender e viver a cidade, talvez seja interessante evitar reproduzir um método consolidado (definir variáveis, acumular dados, cruzá-los e interpretar o resultado), apenas sob outra ótica. Seria como propor a pesquisa psicogeográfica distribuindo gravadores, câmeras fotográficas, lápis, papel e, depois da vivência, reunir o que foi produzido para gerar tabelas e quadros de síntese.

Partir de um trabalho já reconhecido, para tomá-lo como referência metodológica e realizar uma releitura, seria outra possibilidade. A imagem da cidade, por exemplo, de Kevin Lynch (1960). Um trabalho extremamente instigante, aos buscar as referências do que constituem os imaginários urbanos das pessoas ele articula os conceitos de nós, marcos, vias e limites, algo não tão distante dos elementos levantados em Les Halles. Construir uma metodologia baseada nesse tipo de interpretação, destinada a evidenciar elementos que pudessem ser uma constância nas pesquisas psicogeográficas seria o resultado. Todavia, isso remete igualmente à questão supracitada, sobre amarrar a experiência em tal nível que acabaria por arruiná-la, engessando sua espontaneidade que, inegavelmente, detém um caráter extremamente mais artístico do que científico. “A deriva situacionista é também uma viagem alucinógena, à maneira dos ianomâmis sorvendo cipós e raízes em plena selvaticidade, (...) em busca da terra sem mal, construindo situações” (ANDRADE, 2003, p. 11).

Por outro lado, acreditavam eles que o principal residia em outro aspecto, que não os dados estatísticos: “a experimentação por intervenções concretas no urbanismo” (DEBORD, 2003b [1957], p. 55). Tal questão reforça-se quando, ao esboçarem uma teoria dos momentos e construção das

situações, salientam que “não é possível definir exatamente *uma* situação nem sua fronteira. O que vai caracterizar a situação é sua práxis, sua formação deliberada” (IS, 2003d [1960], p. 122). É estritamente necessário viver a situação visto que é impossível nomeá-la positivamente, tal qual a tomada de consciência no sentido fenomenológico.

*Revela-se, assim, uma questão filosófica precedente à adoção da proposta estatística e à própria construção de uma proposta de método como um todo. Entende-se hoje, por fim, o entrave situacionista sobre o estudo psicogeográfico de uma perspectiva mais profunda do que as concluídas no TCC e discutidas, pela primeira vez, aqui. Essa perspectiva é de que ele reside não em um estatuto epistemológico, do conhecimento atingido e atingível através da psicogeografia, mas na definição do conceito, em sua ontologia, no que é pesquisar psicogeograficamente.*

#### **4. Adensamento reflexivo**

Ao propor a revisão do que significa realizar uma pesquisa psicogeográfica não se tem o intuito de modificar o conceito em si, definido pelos situacionistas, mas outra maneira de enxergar o que significa a pergunta, ou seja, o que buscar para respondê-la. Para os situacionistas, como já dito, significava abundantes dados estatísticos, mas também intervenção concreta. Propõe-se, por enquanto, três pontos principais para rever o primeiro caráter mas reforçar o segundo, não necessariamente nessa ordem: a) aprofundar o conceito de caminhar (à Deriva); b) trazer as ambiências desde sua gênese e não pela apreensão do que elas expressam, como fez Khatib ao ler a

paisagem de Les Halles; c) propor entender os efeitos sobre os comportamentos através do conceito de dispositivo, portanto menos como uma geografia da percepção e dos sentimentos.

##### a) Caminhar (à Deriva).

É importante ressaltar alguns pontos na relação entre o caminhar, a Deriva e o foco dentro disso e para isso. Fácil, quase uma tendência, associar a ideia de que caminhar de forma ausente de destino constitui uma desatenção, despreocupação, falta de objetivos e objetividades. Tal confusão não deve ser cometida. Pelo contrário, ao explorarmos a cidade através de uma maneira que se preocupa com os percalços, eventos propiciados pelo acaso, pelo íntimo impulso de virar para um lado e não para o outro, estar atento, vivendo plenamente o presente, imbuído no momento, é imprescindível. Nada pode ser mais difícil ao homem (pós)moderno, levado pela correnteza das grandes velocidades e volumes de informação. Que dificuldade se apresenta perante nós a concentração em uma avenida recheada de luzes, sons e cheiros. A imagem perfeita do ambiente meditativo é a antítese exata do mundo urbano contemporâneo.

*Ao se caminhar através da cidade se está em uma educação corporal e política, simultâneas e sistemáticas.* Em uma dinâmica bastante consolidada na sociedade contemporânea, os indivíduos acostumaram-se a estarem devidamente sentados: na locomoção dos transportes automotivos, nas cadeiras dos escritórios, nas salas de aula. Movimentar o corpo urge, e para isso é preciso (re)educá-lo, pois se mover de forma

incorreta (posturalmente, por exemplo) pode causar danos permanentes e, ao fim, impossibilitar o próprio movimento. Caminhar é um desenvolvimento muscular, um soltar das articulações, uma resistência respiratória, uma capacidade de concentração no entorno, um exercício dos sentidos e uma possibilidade de reflexão. Daí adentra a educação política dessa ação. Refletir sobre si, consigo e sobre espaço donde cada um se encontra é uma constituição possível de cidadania, do habitante da urbe constituindo-a como cidade, ultrapassando a apreensão física e a condição de mero estar em um espaço geométrico.

Caminhar através da cidade é, necessariamente, um processo de introspecção, ainda que em uma caminhada coletiva. Vemos a(s) realidade(s) por entremeio de lentes próprias, da nossa ideologia em sentido amplo, enquanto visão de mundo. Mudar essas lentes é mudar o que enxergamos, ao mesmo tempo em que quando nos propomos ver de outra forma somos obrigados a trocar de lentes. É incerto onde começa cada um desses processos e onde eles acabam, pois são mais uma retroalimentação caótica e infinita. O certo é que eles existem e devemos levá-los em conta, assegurando que sempre existem coisas que cada indivíduo percebe, e que também deixa de perceber, à sua maneira, e de que, igualmente, não estamos presos às lentes que naquele momento utilizamos, pois na pior das hipóteses elas sempre podem ser bifocais... Mudá-las é internalizar as informações recebidas, absorvê-las para que transformemos a nós mesmos e ao ambiente, necessária introspecção, devolvendo o significado de forma diferenciada ao significante, por conseguinte, alterando sua essência enquanto signo. Tal processo não difere muito de

uma hermenêutica instauradora (REGO, 2010), em que a leitura de um significado outro, além do imanente à primeira vista, institui uma modificação no leitor, igualmente e necessariamente instaurando um novo processo, a partir daquele instante, no que foi lido.

A mudança material pode ocorrer sem a mudança própria da forma, através da função simbolicamente ressignificada. Caminhar através da cidade alterando nossa visão/percepção acerca dela afeta a representação construída e, portanto, mudança efetiva e imediata sobre o que a própria cidade passa a ser. Parte integrante, portanto, de uma proposta metodológica sobre o pesquisar psicogeográfico situacionista, por sua vez constitutivo do caminhar pela cidade como experiência humanista, proposto aqui. Acredita-se que uma validação importante nesse sentido sejam as ambiências, visto a importância que eles próprios davam ao conceito, mas analisada agora sob o espectro de sua gênese, ou seja, da geração de ambiências (REGO, 2000; 2007).

#### b) Ambiências revisitadas.

A geração de ambiências, proposta por Nelson Rego (2000, p. 7-10) como uma noção de espaço geográfico, é articulada por três conceitos. Assim, plano primeiro de entendimento, a geração de ambiências seria:

[...] um sistema composto por relações sociais articuladas a relações físico-sociais, espaço condicionador da existência humana e que pode, este espaço, ser eleito como objeto catalisador de ações transformadoras

exatamente por esse motivo – por ser condicionador da existência humana.

Estão imbricadas, portanto, as relações sociais, entre seres humanos; a relação física, das interações do meio sobre ele mesmo; e as relações físico-sociais, dos homens modificando o meio, que os modifica, por sua vez. Os conceitos articuladores advieram de uma necessidade de elaborar mais aprofundadamente o conceito primeiro.

A articulação, então, de todas essas relações supracitadas, se dá através dos conceitos de meio *entre/meio em torno*, hermenêutica instauradora e a dialógica.

Por meio *entre* entende-se o “conjunto articulado de relações materiais e simbólicas que *contextualizam* a existência humana, *condicionando* o próprio modo de ser dos indivíduos” (REGO, 2010, p. 47; grifo nosso). Já o meio *em torno*, “as mediações que situam indivíduos e/ou coletivos perante uns e outros, como as relações de trabalho, escolares ou familiares, entre outras formas de relações cotidianas” (REGO, 2010, p. 47). Essas duas visões de meio, respectivamente, compõem como se dão as relações físico-sociais e sociais a que se refere à geração de ambiências.

A hermenêutica, por sua vez, seria a interpretação de um texto em sentido amplo (uma página, um sonho, um vestuário, uma paisagem), para revelar o “que estaria por trás de um manifesto primeiro”, “o processo de abertura do que está fechado” (REGO, 2010, p. 48). Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll, por exemplo, é recheado dessas possibilidades. A toca do coelho, para utilizar uma passagem precisa. Um primeiro

manifesto é ver a toca do coelho como uma toca em si, um buraco na terra, por onde a personagem principal descende fisicamente. A hermenêutica tentaria enxergar, de certa forma, a metáfora por trás desse evento, a passagem da personagem de seu mundo para um mundo outro, e o que propriamente poderia significar realizar essa passagem.

O autor destaca, a partir de Gilbert Durand, duas grandes acepções de hermenêutica: as arqueológicas e as instauradoras. Enquanto as arqueológicas tentam interpretar “o que é passado, símbolos resultados – sintomas – de uma história anterior” (REGO, 2010, p. 48), a instauradora interpreta não o que formou o símbolo, mas o que o símbolo pode formar. Instaura um devir. Em um sentido último, ambas acabam por se tornarem inseparáveis, pois ao revisitar o passado, já objetivado, prospectamos o futuro. *É nesse enlace, em especial, que reside a potencialidade do estudo psicogeográfico, como uma interpretação de símbolos que são resultados de uma produção e que ao mesmo tempo fornecem possibilidades de produções outras.*

A dialógica, enfim, é um conceito proveniente de Edgar Morin, e comporta a ideia de sua própria morfologia, de que é possível “conceber que há duas [ou mais] lógicas” (MORIN, 2011, p. 73) no pensar/fazer, inclusive através da existência de opostos. Dito de outra forma, seria substituir “ver uma coisa ou outra” por “ver uma coisa e outra”.

c) Dispositivo, o elo comunicante.

Ao buscar entender a pesquisa psicogeográfica através do conceito de geração de ambiências, resta a maneira pela qual se fará essa



junção. Como pré-suposto tem-se a ideia de ler os elementos da paisagem urbana como dispositivos: “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Assim, “o dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo” (AGAMBEN, 2009, p. 46).

*Pesquisar a cidade psicogeograficamente, desse ponto de vista, seria tentar entender como ela subjetiva o comportamento dos indivíduos com o intuito de governá-los.* E é compreendendo esse governo do corpo que se poderá pensar em como profanar a cidade, ou seja, em como restituí-la “ao uso e à propriedade dos homens” (AGAMBEN, 2009, p. 45) enquanto pleno espaço catalisador das transformações humanas (de que fala a geração de ambiências).

Em vez de trabalhar com elementos percebidos, que expressam um sentimento em mim e que me fazem reagir ao meio, seja com medo ou despreocupação, alegria ou tristeza, virando à direita ou à esquerda, trabalhar com outras preocupações: o que condiciona os gestos e discursos de cada sujeito submersos em uma Deriva? Quais são os mecanismos de controle que se evidenciam ao caminhar “arbitrariamente” pela cidade? Porque é possível tomar uma determinada ação, ou não tomá-la, por outro lado? Que reações surgem, por parte do Estado e do poder mercantil espetacular contra a ocupação do espaço urbano? A pesquisa psicogeográfica alia-se, então, à afirmação de Lacoste (2008, p. 189) de que é preciso “saber

pensar o espaço para nele saber se organizar, para saber ali combater”. *Ao mesmo tempo por uma (psico)geografia do poder e para a guerra.*

Reivindicar as ruas e suas calçadas como espaços de realização da vida cotidiana, ou seja, como espaços de práticas sócio-espaciais que permitam a reprodução social para além dos limites do lazer (que nada mais é do que o tempo ocioso entre uma jornada de trabalho e a seguinte) e do deslocamento para algum compromisso, manifestam uma relação conflituosa de pertencimento com um lugar que não envolve, somente, a necessidade de 'um urbanismo feito para dar prazer' (CONSTANT, 2003 [1959], p. 114). Envolve, também, uma significação do espaço a partir de uma tensão de distintos usos e acessos. Revela uma relação de pertencimento enquanto possibilidade, enquanto construção de um devir (LIMA, 2011, p. 50-51).

## 5. Devir artístico

Sem medo de incorrer em um erro, pode-se dizer que a IS realizou uma passagem de um movimento artístico a um movimento político. Não que a arte seja neutra ou que a política não tenha seu cunho artístico. Contudo, a divisão dos momentos da IS é tão clara que chegou a ser criada uma 2ª IS, com o propósito de manter o cunho inicial. Seus primeiros movimentos são de análise e crítica das técnicas artísticas, pretendendo exposições e realizando filmes. Sua constituição como movimento advém de outros movimentos artísticos, como a Internacional Letrista e o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista. É da primeira metade que advém a expressão de que a arte deveria ser suprimida. E é por consequência dela que o próprio movimento chegará às críticas sobre a sociedade e, portanto, ao seu segundo

momento. De certa maneira a cidade passou a ser sua tela em branco. Os habitantes seus pintores. Os jogos situacionistas propunham exatamente tal questão, utilizar espaços proibidos ao acesso público, ressignificar os permitidos. “O situacionista considera seu ambiente e a si próprio como plásticos” (IS, 2003a [1960], p. 130).

Acreditavam eles que a arte deve ser suprimida enquanto alta cultura, enquanto exposições de museu, enquanto a grande obra-prima e, portanto, o grande artista respectivamente. Suprimida, é importante deixar claro, para ser refundada na totalidade da vida cotidiana. A arte se torna fator existencial de todo e qualquer ser humano. Nessa perspectiva, ainda que o movimento situacionista não seja um movimento propriamente anarquista (mas que detém nas suas críticas e perspectivas muitas características libertárias)<sup>4</sup>, é interessante utilizar-se como ponto de apoio às discussões acerca de uma estética anarquista. “Individualista, exalta la potencia creadora, la orgullosa originalidad de cada persona. Colectivista o comunista, celebra el poder creador de la comunidad o del pueblo” (REZSLER, 2005, p. 7). É deste modo que afirma “el derecho inalienable del hombre a la creación” (REZSLER, 2005, p. 8). Nada mais pertinente do que lembrar de Thoreau (2009) nesse momento, quando ele afirma que poucas pessoas, de todas que conheceu, “comprendiesen el arte de Caminar, esto és, de andar a pie; que tuvieran el don, por expresarlo así, de deambular” (p. 127), a arte de saber refletir sobre si próprio e, portanto, viver o presente, pois, sobre tudo, “no

podemos permitirnos el lujo de no vivir en el presente” (p. 158), “hasta que un día el sol brille más que nunca, tal vez en nuestras mentes y en nuestros corazones, e ilumine la *totalidad* de nuestras vidas [...]” (grifo nosso; p. 160).

Aprender a caminhar, projeto artístico para cada cidadão, direito alienável, exercício individual mas também coletivo. Pinceladas iniciais para o projeto último, e simultaneamente constatação primeira: “é preciso mudar o mundo” (DEBORD, 2003b [1957], p. 43).

Ocupar o espaço urbano, sob o domínio dos seus planejadores estatais e dos poderes mercantis espetaculares, para subvertê-lo através da criação de situações e ambiências. A possibilidade de identificar a manifestação desses poderes é uma das preocupações que deve estar imbuída dentro do pesquisar psicogeográfico dos situacionistas. Por conseguinte, termina por evidenciar fatores de impedimento para o exercício de nossa humanidade, ao percorrer os turvos caminhos que a cidade nos apresenta a cada dia. Identificar os dispositivos por serem destruídos. “Nuestra misión es destruir, no construir; otros hombres construirán, otros mejores que nosotros, más inteligentes y más libres”, escribe Bakunin en la *Confesión*” (REZSLER, 2005, p. 37).

Em um espaço (o urbano, no caso) dominado pelo controle mercantil, onde todo uso tem um valor e todo valor institui um uso, ocupá-lo pela livre e espontânea vontade, sob a ótica do júbilo e do empoderamento, é necessariamente profaná-lo, destituindo-o de quem o rege para devolvê-lo ao uso comum do ser ordinário. “Lo que importa es el acto creador, más que la obra em sí” (REZSLER, 2005, p. 8). Por tal linha, então, é mais importante transformar a cidade do que se preocupar com que

<sup>4</sup> Onfray (2010) destaca, inclusive, algumas obras que devem ser relidas sob a ótica libertária e que poderia constar, como tal, em qualquer biblioteca libertária; dentre elas cita Raoul Vaneigem e seu clássico *A arte de viver para as novas gerações*.

cidade colocar no lugar, devolvê-la ao ser ordinário em vez de mantê-la em sua sacralidade inutilizável, segregatória, imutável. Ela será sempre “imperfeita”. Esquecer a ideia de se chegar a uma obra-prima, primando por um contínuo processo de criação da obra, a cidade em constante e desenfreada mudança. É por essa perspectiva que os situacionistas abandonam uma proposta de cidade para passar à feroz crítica urbanista. Todos fatores muito importantes de se ter em mente no momento em que o objetivo é reconstruir a totalidade da sociedade e, especialmente as cidades, seu principal assentamento.

Quais devem ser as principais características da nova cultura, sobretudo se comparadas à arte antiga? Contra o espetáculo, a cultura situacionista realizada introduz a participação total. Contra a arte conservadora, é uma organização do momento vivido diretamente. Contra a arte fragmentada, será uma prática global atingindo ao mesmo tempo todos os elementos utilizáveis. [...] Suas experiências pretendem, no mínimo, uma revolução do comportamento e um urbanismo unitário dinâmico, capaz de estender-se a todo o planeta e, depois, a todos os planetas habitáveis (IS, 2003c [1960], p. 127).

## 6. Práxis

Há uma grande diversidade de possibilidades que se poderia seguir no sentido de pensar o caminhar pela cidade como experiência humanista e a ontologia da pesquisa psicogeográfica. Como fechamento, quer-se retomar a discussão relacionada à proposta de trabalho de campo, ou como já foi colocado, “entradas de campo” (LIMA, 2011, p. 51). As entradas de campo, seja para sair das salas

de aula, seja para a aprendizagem e exercício da cidadania cotidiana, seja para pesquisa psicogeográfica, são primordiais, visto que é “preciso, enfim, mergulhar na vida do povo para saber exprimi-la” (KROPOTKINE, 1975, p. 144). Junção de teoria e prática, tornadas unicamente práxis.

Para o caso, em específico, compreende-se o nó de importância da discussão dos trabalhos de campo com a psicogeografia através da construção de mapas mentais dos habitantes citadinos e, por conseguinte, pelo projeto defendido, tomada de consciência dos dispositivos que os controlam. *É lendo a paisagem urbana que se formam as maquetes mentais, mas é a partir da instauração de conteúdo nos elementos dessa maquete que os habitantes constituem seus mapas mentais, ou o espaço em pensamento.* Tal diferenciação pretende ressaltar que por mais que possamos estudar a cidade dentro da sala de aula, seja em uma escola ou na academia, ou em um laboratório social, o que se tem predominantemente para esse processo é a constituição de formas (a maquete mental), quando só podemos realmente apreender um fenômeno pela instauração de seu conteúdo (o mapa mental). Quanto mais próxima a geografia que se aprende da geografia que se vive, mais frutíferas serão as apreensões feitas, especialmente por ambas não existirem em separado. “Isso significa uma valorização dos temas e da cultura do mundo mais proximamente vivido”, visto que o “processo educacional vinculado à noção de ambiência torna os meios *em torno* suportes para as relações interpessoais dos meios *entre*” (REGO, 2010, p. 47). É preciso submergir nessas vivências de descobrimento para lutar contra o condicionamento

do urbanismo e da sociedade espetacular, mudando o suporte das relações interpessoais.

*O desenvolvimento do meio urbano é a educação capitalista do espaço. [...] Todo o planejamento urbano se compreende apenas como campo da publicidade-propaganda de uma sociedade, isto é, a organização da participação em algo de que é impossível participar (grifo nosso; Kotányi & Vaneigem, 2003 [1961], p. 139).*

Somos levados a nos isolar, pelo modo de transporte automotivo dominante e pela cidade fragmentada e fragmentária. Somos levados a desconfiar do próximo através de nossa alienação, não nos reconhecemos uns nos outros pelo que temos de mais comum, de que nascemos iguais em direito. Somos levados a nos realizarmos através do sacrifício. Somos levados a nos contentarmos com a mais pura sobrevivência, atribuindo um sentido positivo àquilo que nos aprisiona em primeiro lugar. A lista é larga e o enfrentamento urge.

Reforça-se aqui o pensamento apresentado antes, de que “a experimentação por intervenções concretas no urbanismo” (DEBORD, 2003b [1957], p. 55) é a mais importante maneira de pesquisar a psicogeografia, processo de ruptura imediato. Derivar é preciso, entrar em campo é preciso, pois “toda viagem vela e desvela uma reminiscência” (ONFRAY, 2009, p. 32).

## 7. Amarras finais

Como conclusão aclarar-se-á o que foi feito, com um breve fechamento.

Não sendo este um tema inicial de pesquisa, partiu-se de alguns pré-supostos, trabalhados anteriormente. E, mais do que questões tomadas como *a priori*, apresentou-se o que se havia abordado de forma sucinta ou, para o leitor desavisado, superficial. Há segurança na escolha tomada, visto que o histórico situacionista, assim como a abordagem aprofundada de seus conceitos, foram momentos, de fato, já vivenciados, servindo de suporte para que aqui fosse possível o avanço. O ponto 2, a retomada, espera-se tenha deixado claro que a partida foram questões deixadas pela pesquisa precedente, em vez de questões provocadoras para iniciar um diálogo.

Nos pontos subsequentes tentou-se algo simultâneo, continuar trazendo pontos que já haviam sido abordados, retomados através de algumas questões que ficaram em aberto (em especial a da pesquisa psicogeográfica enquanto método, ou qual o método de tal pesquisa), mas alicerçando agora em novos pontos para respondê-la. Quando do término do TCC, pensava-se que o caminho a ser seguido na próxima abordagem do tema seria iniciar a consolidação de um método de pesquisa específico da psicogeografia. Como pode ser visto, ao chegar na encruzilhada desviou-se para outra ramificação. Trazer o mesmo questionamento visto sob outra ótica, consequência de um amadurecimento da discussão através do tempo decorrido, resultou na tentativa de revisão do entendimento ontológico da pesquisa psicogeográfica. É a partir dessa “releitura” que se chegou aos itens do ponto 4, uma tentativa de adensamento reflexivo: a) de seguir trabalhando com o que significar caminhar, flunar, deambular pela cidade, especialmente à Deriva; b) de retomar e

aprofundar a geração de ambiências na sua relação com o tema; c) propor um novo encaixe conceitual/prático para a análise, retirando o foco do comportamento como sentimental/perceptivo do observador para colocá-lo sobre o comportamento como resultante (auto)coercitivo das subjetivações impostas pelos dispositivos enquanto máquinas de governo.

Entende-se, ao final desse artigo, que a psicogeografia tem como devir buscar o que impede o exercício de uma livre cidadania no âmbito da cidade. Por conseguinte, o que impede as pessoas de terem experiências deliberadas autonomamente, na busca da sua constituição como seres humanos, na imanência de seu devir revolucionário e das microrresistências.

Onde quer que nos encontremos, produzamos o mundo a que aspiramos e evitemos este que rejeitamos. [...] Porque o objetivo, aqui como alhures, é sempre o mesmo: *criar ocasiões individuais ou comunitárias de ataraxia real e de serenidades efetivas* (grifo nosso; ONFRAY, 2010, p. 144).

Para isso se abordou, pela primeira vez, uma discussão mais artística relacionada a Internacional Situacionista, o ponto 5. O que eles entediam por arte, por quê, onde isso deveria levar e que relação isso teria com o restante de seu escopo teórico/prático. Mostrar que reivindicar uma vida mais lúdica não está tão distante de cada sujeito, o quanto tal reivindicação é essencialmente política e não puramente cultural. Uma vida mais lúdica não é, necessariamente, ter mais museus e apresentações musicais e teatrais abertas ao público, mas poder

cada cidadão enxergar em si um artista, tendo na cidade a metáfora de uma obra coletiva.

Por último, a práxis, entradas de campo como uma experiência permanente e urgente na vida cotidiana. Transformadoras permanentes de quem as realiza e de quem é afetado por ela, possibilidade de transformação material e imagética, espaço catalisador. Entrar em campo não é adotar uma postura mecânica de recolhimentos de dados, levantamento da área de estudo, contato com os objetos. Muito além, é uma postura política totalmente delineada pelas adoções metodológicas a que cada um se propõe. Entrar em campo pode ser algo totalmente burocrático, passo de um planejamento apenas, mas pode muito bem ser a experiência humanista mais profunda que já se teve, uma viagem alucinógena atingida pela sobriedade de quem um dia despertou, pois quando teve que escolher, escolheu tomar a pílula vermelha, mesmo que tenha sido apenas pela curiosidade de ver o quão fundo vai a toca do coelho.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de Andrade (2003): *Prefácio*. In: JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 11.
- AGAMBEN, Giorgio (2009): *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- CONSTANT. (2003): *Outra cidade para outra vida*. In: JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 114-117. [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 3, 1959.]
- DEBORD, Guy-Ernest (2003a): *Introdução a uma crítica da geografia urbana*. In: JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro:

- Casa da Palavra, p. 39-42 [Publicado originalmente em *Les lèvres nues*, nº 6, 1955.].
- \_\_\_\_\_. (2003b): *Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 43-59. [Apresentado originalmente na fundação da Internacional Situacionista, 1957.]
- \_\_\_\_\_. (1997). *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Internacional Situacionista. IS (2002): *Nossos objetivos e métodos no escândalo de Strasbourg*. In. Situacionistas: teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, p. 59-72 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 11, 1967].
- \_\_\_\_\_. (2003a): *A fronteira situacionista*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 129-131 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 5, 1960.].
- \_\_\_\_\_. (2003b): *Definições*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 65-66 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 1, 1958.].
- \_\_\_\_\_. (2003c): *Manifesto*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 126-128 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 4, 1960.].
- \_\_\_\_\_. (2003d): *Teoria dos momentos e construção das situações*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 121-122 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 1, 1958.].
- KHATIB, Abdelhafid (2003): *Esboço de descrição psicogeográfica do Les Halles de Paris*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 79-84. [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 2, 1958.]
- KOTÁNYI, Attila e VANEIGEM, Raoul (2003). *Programa elementar do bureau de urbanismo unitário*. In. JACQUES, P. B. (Org.) *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 139-142 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 6 1961.].
- KROPOTKINE, Piotr. (1975 [1888]). *A Conquista do pão*. Lisboa: Guimarães e Cia Editores.
- LACOSTE, Yves (2008 [1985]): *A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas, SP: Papirus.
- LIMA, Theo Soares de (2011): *Caminhos urbanos à Deriva*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/55551>>
- LYNCH, Kevin (1960). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- MORIN, Edgar (2011): *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- ONFRAY, Michel (2010 [2006]): *A potência de existir – Manifesto hedonista*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2009): *Teoria da viagem: poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM.
- REGO, Nelson. (2000): *Apresentando um pouco do que sejam ambiências e suas relações com a geografia e a educação*. In. REGO, N; SUERTEGARAY, D. M. A; HEIDRICH, A. L. (Org.). *Geografia e educação: geração de ambiências*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p. 7-10.
- \_\_\_\_\_. (2010): *Geração de ambiências: três conceitos articuladores*. Educação. Porto Alegre: ediPUCRS, v. 33, n. 1, p. 85-89, jan./abr. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/viewFile/6780/494>>
- RESZLER, André (2005 [1973]): *La estética anarquista*. Buenos Aires: Libros de la Araucaria.
- THOREAU, Henry David (2009 [1862]). *Desobediência civil y otros textos*. La Plata: Terramar.
- VANEIGEM, Raoul (2002): *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil.